

Apêndice 2

Socialismo num só país?

“O país industrialmente mais desenvolvido mostra ao menos desenvolvido apenas a imagem de seu próprio futuro”. Esta declaração de Marx, que toma como ponto de partida metodológico não o mundo econômico como um todo, mas o país capitalista isolado como padrão, tornou-se menos aplicável à medida que a evolução capitalista abraçou todos os países, sem considerar seu destino e nível industrial anterior. A Inglaterra, em seus dias, revelou o futuro da França, consideravelmente menos o da Alemanha, mas de modo algum o da Rússia e da Índia. Os mencheviques russos, contudo, tomaram esta declaração condicional de Marx incondicionalmente. A Rússia atrasada, disseram, não deveria seguir adiante, mas humildemente seguir os modelos prontos. Com este tipo de “marxismo”, os liberais também concordavam.

Em outra fórmula não menos popular, Marx – “Nenhuma formação social desaparece antes que todas as forças produtivas tenham se desenvolvido para que tal fato ocorra” – toma como partida, pelo contrário, não um país considerado isoladamente, mas de uma seqüência de estruturas universais e sociais (escravidão, medievalismo, capitalismo). Os mencheviques, contudo, tomando esta declaração do ponto de vista de um único Estado, tiraram a conclusão de que o capitalismo russo ainda tem uma longa jornada pela frente antes de alcançar o nível europeu ou estadunidense. Mas as forças produtivas não se desenvolvem no vácuo! Não se pode falar das possibilidades de um capitalismo nacional e ignorar, de um lado, a luta de classes que se desenvolve delas, ou, de outro, sua dependência das condições mundiais. A derrubada da burguesia pelo proletariado cresceu de fora do atual capitalismo russo, portanto reduzindo a nada suas possibilidades econômicas abstratas. A estrutura da indústria e também o caráter da luta de classes na Rússia foram determinadas em um grau decisivo pelas condições internacionais. O capitalismo alcançou um ponto na arena mundial em que cessou de justificar seus custos de produção – entendendo isto não no sentido comercial, mas no sociológico. Tarifas, militarismo, crises, guerras, conferências diplomáticas e outros flagelos, consomem e desperdiçam tanta energia criativa que, apesar

de todas as conquistas da técnica, não sobra espaço para um crescimento mais amplo das riquezas e da cultura.

O fato superficialmente paradoxal de que a primeira vítima a sofrer dos pecados do sistema mundial fosse a burguesia de um país atrasado está, na verdade, muito de acordo com as leis das coisas. Marx já tinha indicado esta explicação para sua época: “Explosões violentas ocorrem antes nas extremidades do organismo burguês do que em seu coração, porque neste último o controle é mais possível”. Sob o fardo monstruoso do imperialismo, o Estado que necessariamente deveria cair primeiro era aquele que ainda não acumulara um grande capital nacional, mas o qual a competição mundial não oferece nenhum privilégio especial. O colapso do capitalismo russo foi uma avalanche local em uma formação social universal. “Uma correta apreciação de nossa revolução”, disse Lenin, “só é possível de um ponto de vista internacional”.

Atribuímos à Revolução de Outubro, em última análise, não o fato do atraso da Rússia, mas a lei do desenvolvimento combinado. A dialética histórica não reconhece nem o atraso simples nem o progresso quimicamente puro. Trata-se de uma questão das relações concretas. A história atual da Humanidade está cheia de “paradoxos”, não tão colossais como a ascensão de uma ditadura proletária em um país atrasado, mas de um tipo histórico similar. O fato dos estudantes e operários da China atrasada assimilarem tão avidamente a doutrina do materialismo, enquanto os líderes trabalhistas da Inglaterra civilizada acreditam na potência mágica dos encantamentos eclesiásticos, prova, além de qualquer dúvida, que, em certas esferas, a China ultrapassou a Inglaterra. Mas o desprezo dos operários chineses para a ingenuidade medieval simplória de MacDonald não permite a dedução de que em seu desenvolvimento geral a China é superior à Grã-Bretanha. A superioridade econômica e cultural desta pode ser expressa em figuras exatas. A expressão destes dados, contudo, não exclui a possibilidade de que os operários da China possam ganhar o poder antes dos operários da Grã-Bretanha. Uma ditadura do proletariado chinês, por sua vez, estará longe de acarretar a construção do socialismo dentro dos limites da Grande Muralha chinesa. Um rumo único escolástico, pedante ou um critério nacional muito estreito não são adequados à nossa época. O desenvolvimento mundial forçou a Rússia a sair de seu atraso e seu asiatismo. Fora da rede deste desenvolvimento, seu destino posterior não pode ser entendido.

As revoluções burguesas foram dirigidas, num grau similar, contra as relações feudais de propriedade e contra o particularismo das províncias. O nacionalismo ficou ao lado do liberalismo em suas bandeiras de libertação. A civilização ocidental há muito tempo vestia tais sapatinhos de bebês. As forças produtivas de

nossa época ampliaram não apenas as formas burguesas de propriedade, mas também os limites dos Estados nacionais. O liberalismo e o nacionalismo tornaram-se em certo grau algemas sobre a economia mundial. A revolução proletária é dirigida contra a propriedade privada dos meios de produção e contra o divórcio nacional da economia mundial. A luta dos povos orientais pela independência está inclusa neste processo mundial e, subseqüentemente, deve se fundir com ele. A criação de uma sociedade socialista nacional, se tal objetivo fosse em geral atingível, significaria uma extrema redução do poder econômico dos Homens. Mas, por esta mesma razão, é inatingível. O internacionalismo não é um princípio abstrato, mas a expressão de um fato econômico. Como o liberalismo era nacional, o socialismo é internacional. Começando da divisão mundial do trabalho, a tarefa do socialismo é elevar a troca internacional de bens e serviços ao seu desenvolvimento mais alto.

Nenhuma revolução, em lugar algum, coincidiu totalmente com as concepções que dela faziam seus participantes, nem poderia ser assim. Não obstante, as idéias e os objetivos dos engajados na luta formam um elemento constituinte muito importante de uma revolução. Isto é especialmente verdadeiro para a Revolução de Outubro, pois nunca em todo o passado as concepções de revolução, nas mentes dos revolucionários, aproximaram-se tão estreitamente na essência real dos eventos como em 1917.

Um estudo sobre a Revolução de Outubro estaria incompleto se não respondesse com toda a precisão histórica possível à questão: como o partido, no próprio calor dos eventos, considerava o desenvolvimento posterior da revolução, e o que o partido esperava dele? Esta questão adquire um maior significado quanto mais os dias passados tornam-se obscurecidos pelo jogo de novos interesses. A política está procurando sempre apoio no passado e, se não a consegue como uma oferta voluntária, ela freqüentemente a extrai pela força. A política oficial atual da União Soviética apóia-se na teoria do “socialismo num só país”, como o suposto ponto de vista tradicional do partido bolchevique. As gerações mais jovens, não apenas da Internacional Comunista, mas, de fato, de todos os outros partidos, estão sendo levadas a acreditar que o poder soviético foi ganho em nome da criação de uma sociedade socialista independente na Rússia. A realidade histórica não tem nada em comum com este mito. Até 1917, o partido nunca admitiu nem mesmo a idéia de que a revolução proletária pudesse ser conseguida na Rússia antes de ser obtida no Ocidente. Pela primeira vez na conferência de abril, sob a pressão das circunstâncias então completamente reveladas, o partido reconheceu como sua tarefa a tomada do poder. Embora abrindo um capítulo novo na história do bolchevismo, este reconhecimento não tinha nada em comum com a perspec-

tiva de uma sociedade socialista independente. Pelo contrário, os bolcheviques categoricamente rejeitavam como uma caricatura a idéia imputada a eles pelos mencheviques de criar um “socialismo camponês” em um país atrasado. A ditadura do proletariado na Rússia era para os bolcheviques uma ponte para a revolução no Ocidente. O problema de uma transformação socialista da sociedade foi proclamado, em sua própria essência, internacional.

Apenas em 1924 ocorreu uma mudança nesta questão fundamental. Foi proclamado pela primeira vez que a construção do socialismo é totalmente realizável dentro dos limites da União Soviética, independentemente da evolução do resto da Humanidade, caso os imperialistas não derrubassem o poder soviético pela intervenção militar. Esta nova teoria foi imediatamente dotada com uma força retroativa. Se em 1917 – declararam os epígonos – o partido não acreditava na possibilidade de criar uma sociedade socialista independente na Rússia, não haveria nenhum direito de tomar o poder. Em 1926, a Internacional Comunista oficialmente condenou a não aceitação da teoria do socialismo no país isolado, estendendo sua condenação a todo o passado, começando em 1905.

Três séries de idéias foram daí por diante declaradas hostis ao bolchevismo: 1) negar a possibilidade de a União Soviética se manter por um tempo indefinido cercada por um ambiente capitalista (problema da intervenção militar); 2) negar a possibilidade de superar com suas próprias forças, e dentro das fronteiras nacionais, a contradição entre a cidade e o campo (problema do atraso econômico e agrário); 3) negar a possibilidade de criar uma sociedade socialista fechada (problema da divisão mundial do trabalho). Será possível, segundo a nova escola, defender a inviolabilidade da União Soviética mesmo sem revoluções em outros países, por meio da “neutralização da burguesia”. A colaboração do campesinato na esfera da construção socialista deve ser reconhecida como assegurado. A dependência da economia mundial foi liquidada pela Revolução de Outubro e os sucessos econômicos dos soviets. Uma recusa em aceitar estas três proposições é “trotskismo” – uma doutrina incompatível com o bolchevismo.

A tarefa do historiador torna-se aqui uma tarefa de restauração ideológica. Ele deve escavar as genuínas visões e os objetivos do partido revolucionário das acumulações políticas posteriores. Apesar da brevidade dos períodos que se sucedem um ao outro, esta tarefa é muito mais como decifrar um palimpsesto, pois as construções da escola epígona não são de modo algum sempre superiores às ingenuidades teológicas em cuja defesa os monges dos séculos 17 e 18 destruíram pergaminhos e papiros dos clássicos.

No geral, por meio deste livro, evitamos sobrecarregar o texto com inúmeras citações; mas o atual ensaio, devido à essência de sua tarefa, terá que fornecer

ao leitor textos genuínos, e isto numa escala suficiente para excluir a própria idéia de terem sido selecionadas artificialmente. Devemos deixar o bolchevismo falar com sua própria língua. Sob o regime da burocracia de Stalin, ele está privado de tal possibilidade.

O partido bolchevique desde o dia de seu nascimento foi um partido do socialismo revolucionário. Mas ele necessariamente via sua tarefa imediata na derrubada do tsarismo e a inauguração de uma estrutura democrática. O principal conteúdo da revolução seria uma solução democrática para o problema agrário. A revolução socialista foi empurrada para um futuro suficientemente remoto, ou pelo menos indefinido. Era considerado irrefutável que esta revolução devia ocorrer de modo concreto apenas depois da vitória do proletariado no Ocidente. Este postulado, esquecido pelo marxismo russo em sua luta com o narodnikismo e o anarquismo, foi uma das posses mais sólidas do partido. Daí se seguia certas considerações hipotéticas: no caso de a revolução democrática assumir um poderoso alcance na Rússia, poderia dar um ímpeto direto à revolução socialista no Ocidente, e isto capacitaria o proletariado russo a chegar ao poder depois de modo mais seguro. A perspectiva histórica geral permanecia inalterada mesmo nesta versão mais favorável. O curso do desenvolvimento foi apenas acelerado e as datas trazidas mais perto.

Foi no espírito de tais pontos de vista que Lenin escreveu em setembro de 1905: “Da revolução democrática começaremos imediatamente e, na medida exata de nossa força, a força de um proletariado consciente e organizado, começaremos a passar para a revolução socialista. Defendemos uma revolução contínua. Não pararemos a meio-caminho”. Esta citação, tão surpreendente quanto possa ser, foi empregada por Stalin para identificar o velho prognóstico do partido com o curso real dos eventos em 1917. Apenas continua incompreensível porque os quadros do partido foram pegos de surpresa pelas “teses de abril” de Lenin.

Na verdade, a luta do proletariado pelo poder iria se desenvolver – segundo a velha concepção – apenas depois que o problema agrário fosse resolvido dentro da estrutura de uma revolução democrático-burguesa. O problema era que o campesinato, satisfeito em sua fome de terra, não teria impulso para apoiar uma nova revolução. E já que a classe operária russa, sendo uma óbvia minoria no país, não seria capaz de ganhar o poder por suas próprias forças, Lenin coerentemente considerou impossível falar de uma ditadura do proletariado na Rússia antes da vitória do proletariado no Ocidente.

“A vitória completa da atual revolução”, escreveu Lenin em 1905, “será o fim da revolta democrática e o início de uma luta decisiva pela revolução socialista. Uma realização das demandas do campesinato contemporâneo, a destruição com-

pleta da reação, a conquista da república democrática, serão o fim completo do revolucionarismo da burguesia, e mesmo da pequena burguesia. Será o início da verdadeira luta do proletariado pelo socialismo”. Por pequena burguesia, entende-se aqui primariamente o campesinato.

Sob estas condições, de onde surge a palavra de ordem revolução “contínua”? Lenin responde do seguinte: “Os revolucionários russos, apoiando-se nos ombros de toda uma série de gerações revolucionárias na Europa, têm o direito de ‘sonhar’ que terão sucesso em ‘realizar com uma perfeição nunca vista antes, toda a transformação democrática, todo o nosso programa mínimo... E se isto acontecer – então... a conflagração revolucionária irá se incendiar na Europa... O operário europeu se insurgirá por sua vez e nos mostrará ‘como é que se faz’; então a revolta revolucionária da Europa terá um efeito retroativo sobre a Rússia e a época de vários anos revolucionários se tornará uma época de várias décadas revolucionárias”. O conteúdo independente da Revolução russa, mesmo em seu mais alto desenvolvimento, não transcende os limites de uma revolução democrático-burguesa. Apenas uma revolução vitoriosa no Ocidente pode abrir a era da luta pelo poder também para o proletariado russo. Esta concepção tinha muita força no partido até abril de 1917.

Se deixarmos de lado dados episódicos, exageros polêmicos e erros individuais, a essência da disputa sobre a questão da revolução permanente de 1905 até 1917 reduz-se não à questão se o proletariado russo, após conquistar o poder, poderia construir uma sociedade socialista nacional – sobre isto nem um marxista russo proferiu uma palavra até 1924 – mas à questão de se a revolução burguesa realmente capaz de resolver o problema agrário era ainda possível na Rússia, ou se para a realização deste trabalho uma ditadura do proletariado seria necessária.

Qual parte de suas antigas opiniões Lenin revisou em suas teses de abril? Nem por um momento ele renunciou à doutrina do caráter internacional da revolução socialista, ou à idéia de que a transferência para o caminho socialista poderia ser realizada na Rússia atrasada apenas com a cooperação direta do Ocidente. Mas Lenin, pela primeira vez, declarou que o proletariado russo, devido ao próprio atraso de suas condições nacionais, poderia chegar ao poder antes do proletariado dos países avançados.

A Revolução de Fevereiro se provou incapaz de resolver os problemas agrário e nacional. O campesinato e os povos oprimidos da Rússia, em sua luta por objetivos democráticos, foram obrigados a apoiar a Revolução de Outubro. Apenas porque a democracia pequeno-burguesa foi incapaz de realizar o trabalho histórico realizado por sua irmã mais velha no Ocidente, o proletariado russo ganhou o acesso ao poder antes do proletariado ocidental. Em 1905, o bolchevis-

mo pretendia passar para a luta pela ditadura do proletariado apenas depois da conquista das tarefas democráticas. Em 1917, a ditadura do proletariado surgiu da não conquista das tarefas democráticas.

Mas o caráter combinado da Revolução russa não parou aqui. A conquista do poder pela classe operária automaticamente removeu a linha divisória entre o “programa mínimo” e o “programa máximo”. Sob a ditadura do proletariado – mas apenas aí! –, o crescimento dos problemas democráticos dentro dos socialistas tornou-se inevitável, embora os trabalhadores da Europa não tivessem ainda mostrado “como é que se faz”.

Esta mudança da ordem revolucionária entre o Ocidente e o Oriente, com toda a sua importância para o destino da Rússia e de todo o mundo, todavia tem um significado historicamente limitado. Não importa o quanto a Revolução russa pulou à frente, sua dependência da revolução mundial não desapareceu, nem mesmo decresceu. A possibilidade de um desenvolvimento das reformas democráticas dentro das socialistas foi criada diretamente por uma combinação de condições domésticas – a principal delas a inter-relação do proletariado e do campesinato. Mas, em última instância, os limites de uma transformação socialista são determinados pela condição da economia e da política na arena mundial. Não importa o quão grande seja o esforço nacional, não é possível dar um salto sobre o planeta.

Em sua condenação do “trotskismo”, a Internacional Comunista atacou com força especial a opinião de que o proletariado russo, tendo pegado o leme e não encontrado apoio do Ocidente, “entrará em conflitos hostis... com as amplas massas do campesinato, com cuja cooperação ele chegou ao poder”. Mesmo se considerarmos que o experimento histórico refutou completamente este prognóstico – formulado por Trotsky em 1905, quando nenhum de seus atuais críticos admitia até a idéia da ditadura do proletariado na Rússia – ainda neste caso, continua um fato indiscutível que esta visão do campesinato como um aliado desleal e traiçoeiro era propriedade comum de todos os marxistas russos, incluindo Lenin. A tradição real do bolchevismo nada tinha de comum com a doutrina de uma harmonia predeterminada de interesses entre operários e camponeses. Pelo contrário, a crítica desta teoria pequeno-burguesa sempre foi o mais importante elemento na longa luta dos marxistas com os *narodniks*.

“Quando a época da revolução democrática na Rússia for passada”, escreveu Lenin em 1905, “então será ridículo falar até em uma ‘vontade unida’ do proletariado e do campesinato. O campesinato, enquanto classe dona de terra, desempenhará o mesmo traiçoeiro e instável papel nesta luta (pelo socialismo) que a burguesia está desempenhando agora na luta pela democracia. Esquecer isto é

esquecer o socialismo, enganar a si mesmo e outros sobre os genuínos interesses e tarefas do proletariado”.

Ao elaborar para seu próprio uso, em 1905, um esquema da correlação das classes durante o curso da revolução, Lenin caracterizou nas seguintes palavras a situação que deveria ser formada após a liquidação da propriedade senhorial: “O proletariado já está lutando para preservar as conquistas democráticas pela causa da revolução socialista. Esta luta será quase desesperançosa para o proletariado russo sozinho, e sua derrota seria inevitável... se o proletariado socialista europeu não sair em ajuda ao proletariado russo... Nesta etapa, a burguesia liberal e o campesinato abastado (mas uma parte do médio) irão organizar uma contra-revolução. O proletariado russo mais o proletariado europeu irão organizar a revolução. Nestas circunstâncias, o proletariado russo pode ganhar uma segunda vitória. A causa então não está perdida. A segunda vitória será a revolução socialista na Europa. Os operários europeus irão nos mostrar ‘como é que se faz’”.

Quase na mesma época, Trotsky escreveu: “A contradição na situação de um governo operário num país atrasado com uma esmagadora maioria da população camponesa pode encontrar sua solução apenas numa escala internacional, na arena da revolução mundial do proletariado”. Foram tais palavras que Stalin mais tarde citou para mostrar “o vasto abismo separando a teoria leninista da ditadura do proletariado da teoria de Trotsky”. As citações mostram que, apesar das indubitáveis diferenças entre as concepções revolucionárias de Lenin e Trotsky na época, era exatamente na questão do papel “instável” e “traçoeiro” do campesinato que elas, já naqueles dias distantes, essencialmente coincidiam.

Em fevereiro de 1906, Lenin escreveu: “Apoiamos o movimento camponês até o fim, mas devemos lembrar que este é o movimento de outra classe, não daquela classe que pode e irá realizar a revolução socialista”. “A Revolução russa”, ele declarou em abril de 1906, “tem forças suficientes para vencer. Mas ela não tem forças suficientes para manter os frutos de sua vitória... pois num país com um enorme desenvolvimento da indústria de pequena escala, os produtores das mercadorias de pequena escala, entre eles os campesinatos, irão inevitavelmente se voltar contra o proletariado, quando eles passam da liberdade para o socialismo... Para impedir uma restauração, a Revolução russa precisa não de uma reserva russa; precisa de ajuda do Exterior. Há tal reserva no mundo? Há: o proletariado socialista no Ocidente”.

Em várias combinações, mas no essencial sem mudanças, estas idéias atravessam todos os anos da reação até o fim. Não é preciso multiplicar exemplos. A concepção do partido sobre a revolução deveria receber sua forma mais acabada e sucinta no calor dos eventos revolucionários. Se os teóricos do bolchevismo

antes da revolução já se inclinavam para o “socialismo num só país”, esta teoria necessariamente teria que ter florescido no período da luta direta pelo poder. Isto se provou na realidade: o ano de 1917 dará a resposta.

Quando partiu para a Rússia após a Revolução de Fevereiro, Lenin escreveu uma carta de despedida aos operários suíços. “O proletariado russo não pode com suas próprias forças conseguir vitoriosamente a revolução socialista. Mas ele pode... melhorar a situação no palco em que seus principais e confiáveis aliados, o proletariado socialista europeu e estadunidense, entrarão na batalha decisiva”.

A resolução de Lenin ratificada pela conferência de abril diz: “O proletariado da Rússia, entrando em ação em um dos mais atrasados países da Europa, entre as massas de uma população de pequenos camponeses, não pode fixar para si uma realização imediata da transformação socialista”. Muito embora estas linhas iniciais firmemente se liguem à tradição teórica do partido, elas contudo, dão um passo decisivo em um novo caminho. Ela declara: “A impossibilidade de uma transformação socialista independente na Rússia camponesa em caso algum nos dá o direito de renunciar à conquista do poder, não apenas pela causa das tarefas democráticas, mas também em nome de ‘uma série de passos praticamente amadurecidos rumo ao socialismo’, como a nacionalização da terra, controle sobre os bancos, e assim por diante”. Medidas anticapitalistas podem receber um desenvolvimento posterior graças à presença de “premissas objetivas de uma revolução socialista... no mais altamente desenvolvido dos países avançados”. Este deveria ser nosso ponto de partida. “Falar apenas de condições russas”, explica Lenin em seu discurso, “é um erro. Que tarefas surgirão ante o proletariado russo no caso de um movimento mundial nos colocar face a face com uma revolução social – esta é a principal questão de que se ocupa esta resolução”. Está claro que o novo ponto de partida ocupado pelo partido em abril de 1917, após Lenin ter obtido sua vitória sobre as limitações democráticas dos “velhos bolcheviques”, é tão diferente da teoria do socialismo num só país quanto o céu da terra!

Em todas as organizações do partido, seja na capital ou nas províncias, encontraremos daqui por diante a mesma formulação da questão: na luta pelo poder, devemos lembrar que o destino posterior da revolução como revolução socialista será determinada pela vitória do proletariado nos países avançados. Esta fórmula não foi contestada por ninguém – era, pelo contrário, o pressuposto de todas as discussões como uma proposição igualmente reconhecida por todos.

Na conferência do partido em Petrogrado, em 16 de julho, Kharitonov, um dos bolcheviques que vieram com Lenin no “trem blindado”, declarou: “Estamos dizendo em todo lugar que se não houver uma revolução no Ocidente, nossa causa está perdida”. Kharitonov não é um teórico; é um típico agitador do partido.

Nas atas da mesma conferência, lemos: “Pavlov chamou a atenção para a proposição geral apresentada pelos bolcheviques que a Revolução russa irá florescer apenas quando for apoiada pela revolução mundial, que é concebível apenas como uma revolução socialista”. Dezenas e centenas de Kharitonovs e Pavlovs desenvolveram a idéia fundamental da conferência de abril. Nunca entrou na cabeça de ninguém se opor a ela ou corrigi-la.

O sexto congresso do partido, ocorrido no final de julho, definiu a ditadura do proletariado como uma conquista do poder pelos operários e camponeses pobres. “Apenas estas classes... irão na realidade promover o desenvolvimento da revolução proletária internacional, que deve pôr um fim não apenas à guerra mas também à escravidão capitalista”. O discurso de Bukharin foi construído na idéia de que uma revolução socialista mundial é a única saída para a ordem existente. “Se a revolução na Rússia vencer antes de a revolução estourar no Ocidente, teremos que... acender o fogo da revolução socialista mundial”. Nesta época, também Stalin era obrigado a pôr a questão quase do mesmo modo: “Chegará o momento em que os operários irão se levantar e se unir em torno das camadas pobres do campesinato, levantar a bandeira da revolução operária, e abrir a era da revolução socialista no Ocidente”.

Uma conferência regional de Moscou que se reuniu no início de agosto nos permite mais vivamente vislumbrar o laboratório do pensamento do partido. No relatório principal, expondo as decisões do sexto congresso, Sokolnikov, membro do Comitê Central, disse: “É preciso explicar que a Revolução russa deve tomar a ofensiva contra o imperialismo mundial ou ser destruída, estrangulada pelo mesmo imperialismo”. Vários delegados se expressaram no mesmo sentido, por exemplo, Vitolin: “Precisamos estar prontos para a revolução social, que será o estímulo ao desenvolvimento da revolução social na Europa ocidental”. O delegado Flyelensky: “Se decidirmos a questão dentro dos limites nacionais, então não temos saída. Sokolnikov disse com razão que a Revolução russa irá vencer apenas como uma revolução internacional... Na Rússia, as condições ainda não estão maduras para o socialismo, mas se a revolução começar na Europa, então iremos seguir a Europa ocidental”. Stukov: “A proposição de que a Revolução russa vencerá apenas como uma revolução internacional não pode estar sujeita a dúvidas... A revolução socialista é possível apenas numa escala mundial geral”.

Todos estavam de acordo sobre três proposições fundamentais: o Estado operário não pode se manter a menos que se derrube o imperialismo no Ocidente; na Rússia, as condições não estão ainda maduras para o socialismo; o problema da revolução socialista é, na essência, internacional. Se ao lado destas opiniões, que em sete ou oito anos seriam condenadas como heresia, houvesse no partido

outras opiniões agora reconhecidas como ortodoxas e tradicionais, certamente teriam encontrado expressão nesta conferência de Moscou, e no congresso do partido que a precedeu. Mas nem o orador principal nem os que tomaram parte no debate – nem os relatos dos jornais – sugeriam a presença, no partido, de opiniões bolcheviques opostas às “trotskistas”.

Na conferência municipal geral de Kiev precedente ao congresso do partido, o orador principal, Gorovitz, disse. “A luta pela salvação de nossa revolução pode ser travada apenas em uma escala internacional. Duas perspectivas estão diante de nós: se a revolução vencer, criaremos um Estado transicional para o socialismo, se não, tombaremos sob o poder do imperialismo internacional”. Após o congresso do partido, no início de agosto, Piatakov disse em uma nova conferência em Kiev: “Desde o próprio início da revolução, afirmamos que o destino do proletariado russo é completamente dependente do curso da revolução proletária no Ocidente... Assim, estamos entrando na etapa da revolução permanente”. Comentando o relatório de Piatakov, Gorovitz, já nosso conhecido, declarou: “Estou em completo acordo com Piatakov em sua definição de nossa revolução como permanente”. Piatakov: “A única salvação possível para a Revolução russa está numa revolução mundial que lançará as bases para a transformação social”. Mas talvez estes dois oradores representassem uma minoria? Não. Ninguém se opôs a eles sobre esta questão fundamental. Nas eleições para o comitê de Kiev, os dois receberam as maiores votações.

Podemos então considerar totalmente estabelecido que, na conferência geral do partido, em abril, no congresso do partido, em julho, e nas conferências de Petrogrado, Moscou e Kiev, estas mesmas visões foram valorizadas e confirmadas pela votação, e depois foram declaradas incompatíveis com o bolchevismo. Mais do que isto: nem uma só voz se levantou que pudesse ser interpretada como um pressentimento da futura teoria do socialismo num só país, até mesmo no grau em que os salmos das antevisões do rei Davi foram os descobridores do espírito de Cristo.

Em 13 de agosto, o órgão central do partido explicou: “Todo o poder aos soviets, embora longe de já significar o ‘socialismo’, seria em qualquer caso romper a resistência da burguesia e – em dependência das forças produtivas existentes e a situação no Ocidente – guiaria e transformaria a vida econômica, no interesse das massas trabalhadoras. Tendo se livrado dos grilhões do governo capitalista, a revolução se tornaria permanente – isto é, contínua. Ela aplicaria o poder estatal, não para consolidar o regime de exploração capitalista, mas para superá-lo. Seu sucesso final neste caminho dependeria dos sucessos da revolução proletária na Europa... Tal era e continua a única perspectiva do desenvolvimento posterior da

revolução”. O autor deste artigo era Trotsky, que o escreveu na prisão de Kresty. O editor do jornal que o publicou era Stalin. O significado da citação já é definido pelo mero fato de que o termo “revolução permanente” tinha sido usado no partido bolchevique exclusivamente até 1917 para designar o ponto de vista de Trotsky. Poucos anos depois, Stalin irá declarar: “Lenin lutou contra a teoria da revolução permanente até o fim de seus dias”. O próprio Stalin de todo modo não lutou: o artigo apareceu sem qualquer comentário editorial.

Dez dias depois, Trotsky escreveu de novo no mesmo jornal: “O internacionalismo para nós não é uma idéia abstrata... mas um princípio diretamente orientador, profundamente prático. Um sucesso permanente decisivo é impensável para nós fora da revolução européia”. De novo, Stalin não objetou. Além disso, dois dias depois ele próprio o repetiu: “Que eles saibam (os operários e os soldados) que apenas em união com os operários do Ocidente, apenas depois da derrubada das bases do capitalismo no Ocidente, podemos contar com o triunfo da revolução na Rússia!”. Por “triunfo da revolução”, queria se dizer não a construção do socialismo – disto ainda não se falava em absoluto –, mas apenas a conquista e a manutenção do poder.

“A burguesia”, escreveu Lenin em setembro, “está gritando sobre a inevitável derrota da comuna na Rússia – isto é, a derrota do proletariado se ele ganhar o poder”. Não devemos nos assustar com estes gritos. “Tendo conquistado o poder, o proletariado da Rússia tem todas as chances de mantê-lo e impulsionar a Rússia através da vitoriosa revolução no Ocidente”. A perspectiva da revolução é definida aqui com total clareza: manter o poder até o início da revolução socialista na Europa. Esta fórmula não foi atirada precipitadamente: Lenin repetia isto dia a dia. Ele resume seu artigo programa, *Os bolcheviques serão capazes de manter o poder estatal?*, nestas palavras: “Não há poder na Terra que possa impedir os bolcheviques, se eles não se deixarem intimidar e conseguirem tomar o poder, de mantê-lo até a vitória da revolução socialista mundial”.

A ala direita dos bolcheviques exigiu uma coalizão com os conciliadores, citando o fato de que os bolcheviques “sozinhos” não poderiam manter o poder. Lenin respondeu-lhes em 1.º de novembro – isto é, após a revolução: “Dizem que não manteremos sozinhos o poder etc. Mas não estamos sozinhos. Ante nós está a Europa. Precisamos começar”. Neste diálogo de Lenin com a ala direita, torna-se especialmente claro que a idéia da criação independente de uma sociedade socialista na Rússia nunca nem mesmo entrou na cabeça de qualquer um dos debatedores.

John Reed conta como em um dos comícios de Petrogrado, na fábrica Obukhovskiy, um soldado do *front* romeno exclamou: “Manter-nos-emos firmes

com toda a nossa força até os povos de todo o mundo virem em nossa ajuda”. Esta fórmula não caiu do céu, e não era uma idéia do soldado anônimo ou de Reed. Ela foi incutida nas massas pelos agitadores bolcheviques. A voz do soldado do *front* romeno era a voz do partido, a voz da Revolução de Outubro.

A “Declaração dos Direitos dos Trabalhadores e dos Povos Explorados” – o programa estatal básico introduzido em nome do poder soviético na Assembléia Constituinte – proclamou ser a tarefa da nova estrutura “o estabelecimento de uma organização socialista da sociedade e a vitória do socialismo em todos os países... O poder soviético procederá resolutamente ao longo desta linha até a vitória completa da insurreição internacional dos trabalhadores contra o jugo do capital”. Esta “Declaração de Direitos” leninista, formalmente não anulada até hoje, converteu a revolução permanente em uma lei fundamental da República soviética.

Se Rosa Luxemburgo, que em sua prisão seguia com atenção apaixonada e zelosa os atos e as palavras dos bolcheviques, tivesse visto nisto uma sombra de socialismo nacional, teria logo soado o alarme. Naqueles dias, ela criticava muito severamente – na essência, incorretamente – as políticas dos bolcheviques. Mas não. Eis o que ela escreveu sobre a linha geral do partido: “O fato dos bolcheviques em sua política terem guiado seu curso inteiramente rumo à revolução mundial do proletariado, é precisamente o testemunho mais brilhante de sua perspicácia política, sua firmeza de princípios e o alcance audacioso de sua política”.

Justamente estes princípios, que Lenin desenvolvia dia a dia, que eram pregados no órgão central do partido sob a direção editorial de Stalin, que inspirou os discursos dos agitadores, grandes e pequenos, que eram repetidos por soldados de setores distantes do *front*, que Rosa Luxemburgo considerava o mais alto testemunho da perspicácia política dos bolcheviques – são estes princípios que a burocracia da Internacional Comunista condenou em 1926. “As opiniões de Trotsky e seus seguidores sobre a questão fundamental do caráter e perspectiva de nossa revolução”, diz uma resolução do VII *Plenum* da Internacional Comunista, “não têm nada em comum com as opiniões de nosso partido, com o leninismo”. Assim, os epígonos do bolchevismo abolem seu próprio passado.

Se alguém realmente lutou em 1917 contra a teoria da revolução permanente, foram os kadetes e os conciliadores. Miliukov e Dan expuseram as “ilusões revolucionárias do trotskismo”, como a principal causa do colapso da revolução de 1905. Em seu discurso introdutório na Conferência Democrática, Tchkhaidze denunciou o esforço de “apagar o fogo da guerra capitalista convertendo a revolução numa revolução socialista mundial”. Em 13 de outubro, Kerensky disse no pré-Parlamento: “Não há agora inimigo mais perigoso da revolução, da democracia e

de todas as conquistas da liberdade do que aqueles que... sob o disfarce de aprofundar a revolução e convertê-la numa revolução social permanente, estão pervertendo, e parece que já perverteram, as massas”. Tchkheidze e Kerensky eram inimigos da revolução permanente pela mesma razão que são inimigos dos bolcheviques.

No segundo congresso dos Sovietes, no momento da tomada do poder, Trotsky disse: “Se os povos da Europa não se levantarem e esmagarem o imperialismo, seremos esmagados – isto é indubitável. Ou a Revolução russa levantará o turbilhão da luta do Ocidente, ou os capitalistas de todos os países irão estrangular nossa revolução”. Há um terceiro caminho”, gritou uma voz da platéia. Talvez fosse a voz de Stalin? Não, era a voz de um menchevique. Isto foi alguns anos antes dos bolcheviques descobrirem o “terceiro caminho”.

Como resultado de inúmeras repetições na imprensa stalinista internacional, foi considerado estabelecido numa grande variedade de círculos políticos que duas concepções estavam na base dos desacordos de Brest-Litovsk. Uma tinha seu ponto de partida na possibilidade não apenas de manter, mas de construir o socialismo com as forças internas da Rússia; a outra punha sua esperança exclusivamente numa insurreição na Europa. Na verdade, este contraste de visões foi criado alguns anos depois, e seu autor não se preocupou em colocar sua invenção na mais superficial harmonia com os documentos históricos. É verdade, isto não teria sido uma tarefa fácil. Todos os bolcheviques, sem uma só exceção, compartilhavam no período de Brest o pensamento de que, se uma revolução não estourasse na Europa num futuro muito próximo, a República soviética estaria destinada à destruição. Alguns contavam a época em semanas, outros em meses: ninguém o contava em anos.

“Desde o início mesmo da Revolução russa...”, escreveu Bukharin em 28 de janeiro, “o partido do proletariado revolucionário declara: ou a revolução internacional, desencadeada pela revolução na Rússia, irá estrangular a guerra e o capital, ou o capital internacional irá estrangular a Revolução russa”. Mas não era Bukharin que então encabeçava os advogados da guerra revolucionária com a Alemanha, atribuindo as visões de sua fração a todo o partido? Por mais natural que tal suposição possa ser, ela é prontamente contradita pelos documentos.

As atas do Comitê Central, para 1917 e o início de 1918 – publicadas em 1929 – apesar das reduções e da editoração tendenciosa, oferecem um inestimável testemunho sobre esta questão também. “Na seção de 11 de janeiro, o camarada Sergeiev (Artem) pontua que todos os oradores concordam sobre o fato de que nossa república socialista está ameaçada com a destruição, no caso do fracasso de uma revolução socialista no Ocidente”. Sergeiev defendia a posição de Lenin – isto

é, por assinar a paz. Ninguém contradisse Sergeiev. Todos os três grupos antagônicos discutiam apelando para uma mesma premissa geral: sem uma revolução mundial não poderemos saltar para frente.

Stalin, é verdade, introduziu uma nota especial no debate. Ele baseava a necessidade de assinar uma paz separada sobre o fato de que: “Não há movimento revolucionário no Ocidente, não há fatos, apenas uma potencialidade, e não podemos nos basear em potencialidades”. Embora ainda longe da teoria do socialismo num só país, ele, não obstante, revela claramente nestas palavras sua desconfiança orgânica do movimento internacional. “Não podemos nos basear em potencialidades”. Lenin imediatamente dissociou-se “em certas partes” deste apoio stalinista. “É verdade que a revolução no Ocidente ainda não começou”, ele disse. “Contudo, se em vista disto devemos alterar nossas táticas, então seremos traidores do socialismo internacional”. Se Lenin favoreceu uma paz separada imediata, não foi porque ele não acreditava no movimento revolucionário no Ocidente, e ainda menos porque ele acreditava na viabilidade de uma Revolução russa isolada: “É importante para nós nos mantermos até o advento de uma revolução socialista geral, e podemos conseguir isto apenas assinando a paz”. O significado da capitulação de Brest foi resumido por Lenin pelas palavras “pausa para respirar”.

As atas testemunham que, após este alerta de Lenin, Stalin procurou uma oportunidade para se corrigir. “Sessão de 28 de fevereiro, 1918. Camarada Stalin:... Nós também estamos apostando nossas fichas numa revolução, mas você calcula em semanas, e (nós) em meses”. Stalin aqui repete textualmente a fórmula de Lenin. A distância entre as duas alas do Comitê Central sobre a questão da revolução mundial era a distância entre semanas e meses.

Quando defendia a assinatura da paz de Brest no sétimo congresso do partido, em março de 1918, Lenin disse: “É absolutamente verdade que, sem uma revolução alemã, iremos perecer. Pereceremos talvez não em Petersburgo nem em Moscou, mas em Vladivostok, ou algum outro lugar remoto onde teremos que nos retirar, mas de qualquer modo, sob todas as eventualidades possíveis ou concebíveis, se a revolução alemã não começar, iremos perecer”. Não era apenas uma questão da Alemanha, contudo. “O imperialismo internacional... que representa um poder atual gigantesco... não poderia em qualquer caso e sob nenhuma condição viver lado a lado com a República soviética. Aqui um conflito seria inevitável. Aqui... está o maior problema histórico... a necessidade de despertar uma revolução internacional”. Na decisão secreta adotada, lemos: “O congresso vê a mais confiável garantia da consolidação da revolução socialista que obteve a vitória na Rússia apenas em sua conversão numa revolução operária internacional”.

Alguns dias depois, Lenin leu um relato no Congresso dos Sovietes: “O

imperialismo mundial e a marcha triunfal de uma revolução social não pode viver lado a lado”. Em 23 de abril, ele disse numa sessão do soviete de Moscou: “Nosso atraso nos empurrou para diante, e iremos perecer se não pudermos nos manter até encontrar um forte apoio por parte dos operários insurrecionários de outros países”. “Poderemos nos retirar (ante o imperialismo) até para os Urais”, ele escreveu em maio de 1918, “pois esta é a única chance de ganhar tempo para a maturação da revolução no Ocidente”. Lenin estava claramente alerta do fato que o arrastar das negociações endureceria as condições de paz, mas ele colocava as tarefas revolucionárias internacionais acima das “nacionais”. Em 28 de junho de 1918, não obstante os desacordos episódicos com Trotsky a respeito da assinatura da paz, Lenin disse numa conferência em Moscou dos sindicatos: “Quando aconteceram as negociações de Brest, as exposições do camarada Trotsky foram publicadas no mundo inteiro, e esta política não leva em conta que no país inimigo... em tempos de guerra, um enorme movimento revolucionário estourou?” Uma semana depois, num relatório do Conselho dos Comissários do Povo ao V Congresso dos Sovietes, ele retornou à mesma questão: “Cumprimos nosso dever ante todos os povos... através de nossa delegação em Brest encabeçada pelo camarada Trotsky”. Um ano depois, Lenin lembrou: “Na época da paz de Brest... o poder soviético colocou a ditadura mundial do proletariado e da revolução mundial acima do que quaisquer sacrifícios nacionais, não importa o quanto fossem pesados”. “Que significado”, perguntou Stalin, quando o tempo apagou de sua memória as distinções nunca muito definidas entre as idéias – “Que significado pode ter a afirmação de Trotsky de que a Rússia revolucionária não poderia se manter diante de uma Europa conservadora? Só pode ter um significado: Trotsky não sente a força interna de nossa revolução”.

Na verdade, todo o partido era unânime na convicção de que, “ante uma Europa conservadora”, a República soviética não poderia se manter. Mas isto era apenas o lado reverso da convicção de que uma Europa conservadora não poderia se manter ante uma Rússia revolucionária. Na forma negativa, isto expressava uma confiança inabalável no poder internacional da Revolução russa. E, fundamentalmente, o partido não estava errado. A Europa conservadora de modo algum se manteve inteiramente. A revolução alemã, mesmo traída pela socialdemocracia, ainda era forte o suficiente para cortar as garras de Ludendorff e Hoffmann. Sem esta operação, a República soviética dificilmente poderia ter evitado a destruição.

Mas mesmo após a destruição do militarismo alemão, nenhuma mudança foi feita na apreciação geral da situação internacional. “Nossos esforços levarão inevitavelmente à revolução mundial”, disse Lenin numa sessão do Comitê Execu-

tivo Central no final de julho de 1918. “As coisas se deram de tal modo que, tendo saído da guerra com uma aliança, (nós) imediatamente experimentamos o ataque do imperialismo do outro lado”. Em agosto, quando a guerra civil se espalhava sobre o Volga com a participação dos tchecoslovacos, Lenin disse num comício em Moscou: “Nossa revolução começou como uma revolução universal... As massas proletárias garantirão à República soviética uma vitória sobre os tchecoslovacos e a possibilidade de nos mantermos até o irromper da revolução socialista mundial”. Manter-nos até o irromper da revolução no Ocidente – como antes, esta é a fórmula do partido.

Naqueles mesmos dias, Lenin escreveu aos operários estadunidenses: “Estamos numa fortaleza sitiada a menos que outros exércitos da revolução socialista internacional venham em nossa ajuda”. Ele se expressou ainda mais categoricamente em novembro: “Os fatos da história mundial mostram que a conversão de nossa revolução mundial em uma revolução socialista não foi uma aventura, mas uma necessidade, pois não havia outra escolha. O imperialismo anglo-francês e americano inevitavelmente estrangularão a independência e a liberdade da Rússia a menos que uma revolução socialista mundial, a menos que o bolchevismo mundial, vença”. Para repetir as palavras de Stalin, Lenin obviamente não sentia a “força interna de nossa revolução”.

O primeiro aniversário da revolução passou. O partido teve tempo para olhar ao redor. E, não obstante, em seu relatório ao oitavo congresso do partido, em março de 1919, Lenin de novo declara: “Não vivemos apenas em um Estado, mas em um sistema de Estados, e a existência da República soviética lado a lado com os Estados imperialistas por um período extenso é inconcebível. No fim, um ou outro irá vencer”. No terceiro aniversário, que coincidiu com derrota dos Brancos, Lenin lembrou e generalizou: “Se naquela noite (a noite da Revolução de Outubro), alguém tivesse nos dito que em três anos... isto seria a nossa vitória, ninguém, nem mesmo o mais seguro otimista, teria acreditado. Entendíamos então que nossa vitória seria uma vitória apenas quando nossa causa conquistasse o mundo inteiro, por isto começamos nosso trabalho contando exclusivamente com a revolução mundial”. Testemunho mais incontestável não poderia ser pedido. No momento da Revolução de Outubro, “o mais seguro otimista” não apenas não sonhava em criar um socialismo nacional, mas nem acreditava na possibilidade de defender a revolução sem a ajuda direta do exterior! “Iniciamos nosso trabalho contando exclusivamente com a revolução mundial”. Para garantir a vitória numa luta de três anos sobre legiões de inimigos, nem o partido nem o Exército Vermelho precisavam do mito do socialismo num só país.

A situação mundial tomou uma forma mais favorável do que poderia ser

esperado. As massas revelaram uma capacidade extraordinária para sacrifícios em nome de novos objetivos. Os líderes habilidosamente usaram as contradições do imperialismo durante o primeiro e mais difícil período. Como resultado, a revolução revelou mais estabilidade do que o “mais seguro otimista” previra. Mas, mesmo então, o partido preservou totalmente sua posição internacional antiga.

“Se não tivesse sido pela guerra”, Lenin explicou em janeiro de 1918, “teríamos visto uma união dos capitalistas de todo o mundo, uma consolidação com base na luta contra nós”. “Por que através de semanas e meses... após outubro tivemos uma chance de passar tão facilmente de triunfo em triunfo?”, ele perguntou no sétimo congresso do partido. “Apenas porque uma conjuntura internacional especialmente formada nos protegeu temporariamente do imperialismo”. Em abril, Lenin disse numa sessão do Comitê Executivo Central: “Tivemos uma pausa para respirar apenas porque a guerra imperialista ainda continuava no Ocidente, e no Extremo Oriente a rivalidade imperialista se intensificava cada vez mais; apenas isto explica a existência da República soviética”.

Esta excepcional combinação de circunstâncias não podia durar para sempre. “Agora passamos da guerra à paz”, disse Lenin em 1920. “Mas não nos esqueçamos de que a guerra virá novamente. Enquanto o capitalismo e o socialismo permanecerem, não podemos viver em paz. Um ou outro, em longo prazo, irá vencer. Então haverá um réquiem ou para a República soviética ou para o capitalismo mundial. O atual período é uma moratória numa guerra”.

A transformação da “pausa para respirar” original em um prolongado período de equilíbrio instável foi possível não apenas pela luta dos grupos capitalistas, mas também pelo movimento revolucionário internacional. Como resultado na revolução de novembro na Alemanha, as tropas alemãs foram obrigadas a abandonar a Ucrânia, os Estados Bálticos e a Finlândia. A penetração do espírito da revolta nos exércitos da Entente obrigou os governos francês, inglês e estadunidense a retirar suas tropas dos litorais meridional e setentrional da Rússia. A revolução proletária no Ocidente não foi vitoriosa, mas, em seu empenho pela vitória, protegeu o Estado soviético por vários anos.

Em julho de 1921, Lenin resumiu a situação: “Obtivemos um certo equilíbrio, embora extremamente frágil, extremamente instável, não obstante um equilíbrio em que uma república socialista possa existir – é claro que não por muito tempo – num ambiente capitalista”. Assim passou-se de semanas a meses, de meses a anos, o partido apenas gradualmente assimilou a idéia de que um Estado operário poderia por certo tempo – “é claro, não por muito tempo” – continuar pacificamente a existir num ambiente capitalista.

Uma conclusão de não pouca importância deriva do dado acima de modo irrefutável: se, segundo a convicção geral dos bolcheviques, o Estado soviético não poderia se manter por muito tempo sem uma vitória do proletariado no Ocidente, então o programa de construir o socialismo num só país está excluído praticamente apenas por este fato; a própria questão é retirada, por assim dizer, em sua consideração preliminar.

Seria, contudo, um erro completo assumir, como a escola epígona tentou sugerir, nos anos recentes, que o único obstáculo visto pelo partido no caminho de uma sociedade socialista nacional eram os exércitos capitalistas. A ameaça de uma intervenção armada foi, na verdade praticamente, estendida até a linha de frente, mas o perigo da guerra em si foi apenas a expressão mais aguda da predominância técnica e industrial das nações capitalistas. Em última análise, o problema se reduzia ao isolamento da República soviética e ao seu atraso.

O socialismo é a organização de uma produção social planejada e harmoniosa para a satisfação das necessidades humanas. A posse coletiva dos meios de produção não é ainda o socialismo, mas apenas sua premissa legal. O problema de uma sociedade socialista não pode ser abstraído do problema das forças produtivas, que na etapa atual do desenvolvimento humano são mundiais por sua própria essência. O Estado separado, tendo se tornado tão estreito para o capitalismo, é muito menos capaz de se tornar a arena de uma sociedade socialista acabada. O atraso de um país revolucionário, além disso, aumenta para ele o perigo de ser devolvido ao capitalismo. Ao rejeitar a perspectiva de um desenvolvimento socialista isolado, os bolcheviques tinham em vista não um problema mecanicamente isolado da intervenção, mas todo um complexo de questões ligado à base econômica internacional do socialismo.

No sétimo congresso do partido, Lenin disse: “Se a Rússia passar agora – e ela está indubitavelmente passando – de uma ‘Paz de Tilsit’ para um *boom* nacional... então o resultado deste *boom* não é uma transição para o Estado burguês, mas uma transição para a revolução socialista internacional”. Tal era a alternativa: ou uma revolução internacional ou um retorno ao capitalismo. Não havia lugar para o socialismo nacional. “Quantas etapas transicionais ainda haverá até o socialismo, não sabemos e não podemos saber. Isto depende de quando a revolução socialista européia começará numa escala real”.

Em abril do mesmo ano, quando chamou por uma reorganização das fileiras para o trabalho prático, Lenin escreveu: “Podemos dar uma séria cooperação à revolução socialista no Ocidente, atrasada por vários anos, apenas na medida em que conseguirmos resolver o problema organizacional que enfrentamos”. Esta primeira abordagem da construção econômica está imediatamente incluída no

esquema internacional: é uma questão de “cooperação com a revolução socialista no Ocidente”, e não de criar um reino socialista auto-suficiente no Leste.

Sobre o tema da fome iminente, Lenin disse aos operários de Moscou: “Em toda a nossa agitação devemos... explicar que o infortúnio que cai sobre nós é um infortúnio internacional, que não há outra saída a não ser a revolução internacional”. Para superar a fome devemos ter uma revolução do proletariado mundial – disse Lenin. Para criar uma sociedade socialista, uma revolução num país isolado é suficiente – respondem os epígonos. Tal é o alcance do desacordo! Quem está certo? Não nos esqueçamos, em caso algum, de que, apesar do sucesso da industrialização, a fome ainda não foi vencida até hoje.

O Congresso dos Conselhos de Economia Popular, em dezembro de 1918, formulou o plano da construção socialista nas seguintes palavras: “A ditadura do proletariado mundial está se tornando historicamente inevitável... Isto está determinando o desenvolvimento de toda a sociedade mundial e de cada país em particular. O estabelecimento da ditadura do proletariado e da forma soviética de governo em outros países possibilitará a inauguração das mais estreitas relações econômicas entre os países, uma divisão internacional do trabalho na produção, e finalmente a organização de órgãos econômicos internacionais de administração”. O fato de que tal resolução pôde ter sido adotada por um congresso de órgãos estatais confrontados com problemas puramente práticos – carvão, lenha, açúcar de beterraba – prova melhor do que qualquer outro o quão inseparavelmente a perspectiva da revolução permanente dominava a consciência do partido durante aquele período.

No *ABC do Comunismo*, cartilha do partido escrita por Bukharin e Preobrajensky, que teve grande número de edições, lemos: “A revolução comunista pode ser vitoriosa apenas como uma revolução mundial... Numa situação em que os operários venceram apenas num só país, a construção econômica torna-se muito difícil... Para a vitória do comunista, a vitória da revolução mundial é necessária”.

No espírito destas mesmas idéias, Bukharin escreveu em uma brochura popular reimpressa muitas vezes pelo partido e traduzida para línguas estrangeiras: “Surge para o proletariado russo mais agudamente que nunca os problemas da revolução internacional... A revolução permanente na Rússia desenvolve-se numa revolução européia do proletariado”.

Num livro bem conhecido de Stepanov-Skvortsov, intitulado *Eletrificação*, lançado sob a responsabilidade editorial de Lenin e com uma introdução sua, em um capítulo, o editor recomenda com especial entusiasmo a atenção do leitor, e diz: “O proletariado da Rússia nunca pensou em criar um Estado socialista isola-

do. Um Estado “socialista” auto-suficiente é um ideal pequeno-burguês. Um certo vislumbre disto é concebível com uma predominância econômica e política da pequena burguesia; isolado do mundo exterior, tal Estado procura um meio de consolidar suas formas econômicas, que são convertidas pela nova técnica e pela nova economia em formas muito instáveis”. Estas linhas admiráveis, que indubitavelmente passaram pela mão de Lenin, projetam um claro raio de luz sobre a mais recente evolução dos epígonos.

Em suas teses sobre as questões nacionais e coloniais no II Congresso da Internacional Comunista, Lenin define a tarefa geral do socialismo, surgindo acima das etapas nacionais da luta como “a criação de uma economia mundial unida, regulada segundo um plano geral pelo proletariado de todas as nações, como um todo a tendência que já está sendo revelada com clareza completa sob o capitalismo, e que receberá sem dúvida um desenvolvimento posterior e a total realização sob o socialismo”. Em relação a esta tendência hereditária e progressista, a idéia de uma sociedade socialista em um país isolado é reacionária.

As condições para o surgimento de uma ditadura do proletariado e as condições para a criação de uma sociedade socialista não são idênticas, nem de natureza idêntica, em certos aspectos até antagônicas. A circunstância de que o proletariado russo chegou primeiro ao poder de modo algum implica que chegará primeiro ao socialismo. Esta desigualdade contraditória do desenvolvimento que levou à Revolução de Outubro não desapareceu com sua realização. Ela está na própria base do primeiro Estado operário.

“Para o mais atrasado país que foi obrigado, como resultado dos ziguezagues da História, a iniciar a revolução socialista”, disse Lenin em março de 1918, “o mais difícil para ele será a transição das velhas relações capitalistas para as socialistas”. Esta idéia encontra seu caminho através dos discursos e artigos de Lenin ano após ano. “Para nós foi fácil iniciar uma revolução, e difícil continuá-la”, ele disse em maio do mesmo ano. “No Ocidente, será mais difícil começar uma revolução, mas será mais fácil continuá-la”. Em dezembro, Lenin desenvolveu o mesmo pensamento perante uma audiência camponesa, que se sabe que é a mais difícil de todas a transcender as fronteiras nacionais: “Lá (no Ocidente) a transição para uma economia socialista... será mais rápida e será conseguida mais facilmente do que nós... Em união com o proletariado socialista de todo o mundo o campesinato trabalhador russo irá superar todos os obstáculos”. “Em comparação com os países avançados”, ele repete em 1919, “foi mais fácil para os russos iniciar a grande revolução proletária, mas será mais difícil para eles continuá-la e levá-la através de uma decisiva vitória no sentido da organização completa de uma sociedade socialista”. “Para a Rússia”, Lenin de novo insistia em 27 de abril de 1920,

“...foi fácil iniciar a revolução socialista, enquanto continuá-la e levá-la até o fim será mais difícil para a Rússia do que para os países europeus. Eu tive que pontuar esta circunstância no início de 1918, e os dois anos de experiência desde então confirmaram totalmente este julgamento”.

As eras da História vivem na forma de diferentes níveis de cultura. É preciso tempo para superar o passado – não novas eras, mas décadas. “A nova geração, embora mais desenvolvida, dificilmente fará a transição completa ao socialismo”, disse Lenin na sessão do Comitê Executivo Central, de 29 de abril de 1918. Quase dois anos depois, em um congresso das Comunas Agrícolas, ele nomeou uma data ainda mais remota: “Não podemos introduzir agora uma ordem socialista. Queira Deus que no tempo de nossos filhos, ou talvez nossos netos, seja ela estabelecido aqui”. Os operários russos tomaram o caminho mais cedo do que o resto, mas chegarão mais tarde a este objetivo. Isto não é pessimismo, mas realismo histórico.

“Nós, o proletariado da Rússia, estamos à frente de qualquer Inglaterra ou Alemanha em nossa estrutura política”, escreveu Lenin em maio de 1918, “e ao mesmo tempo atrás dos mais atrasados Estados europeus... quanto à nossa preparação para a inauguração material-produtiva do socialismo”. O mesmo pensamento é expresso por ele na forma de um contraste entre dois Estados: “A Alemanha e a Rússia encarnaram, em 1918, mais obviamente do que todas, a realização material das condições econômico-produtivas, socioindustriais do socialismo de um lado, e as condições políticas de outro”. Os elementos da futura sociedade estão divididos, por assim dizer, entre os diferentes países. Reuni-los e subordiná-los uns aos outros é a tarefa de uma série de revoluções nacionais construídas em uma revolução mundial.

Da idéia do caráter auto-suficiente da economia soviética, Lenin se riu de antemão: “Enquanto nossa Rússia soviética continuar um subúrbio solitário de todo o mundo capitalista”, ele disse em dezembro de 1920, no VIII Congresso dos Sovietes, “durante este tempo pensar em nossa completa independência econômica... seria uma fantasia totalmente ridícula, e utopismo”. Em 27 de março de 1922, no XI Congresso do Partido, Lenin alertou: Nós enfrentamos “um teste que está sendo preparado pelo mercado russo e mundial, a qual estamos subordinados, com o qual estamos ligados, com o qual não podemos romper. Este é um sério teste, pois aqui eles podem nos derrotar econômica e politicamente”.

Esta idéia da dependência da economia socialista à economia mundial, a Internacional Comunista agora considera “contra-revolucionária”. O socialismo não pode depender do capitalismo! Os epígonos têm sido engenhosos o suficiente para esquecer que o capitalismo, como o socialismo, apóia-se em uma divisão

mundial do trabalho que para nós recebe seu mais elevado desenvolvimento sob o socialismo. A construção econômica num Estado operário isolado, por mais importante que seja, continuará acanhada, limitada, contraditória: não pode alcançar o nível de uma nova sociedade harmoniosa.

“O autêntico despertar de uma economia socialista na Rússia”, escreveu Trotsky em 1922, “tornar-se-á possível apenas depois da vitória do proletariado nos mais importantes países da Europa”. Estas palavras tornaram-se uma acusação, não obstante tenham expressado em sua época o pensamento geral do partido. “O trabalho da construção”, disse Lenin em 1919, “depende inteiramente de que a revolução seja o mais cedo possível vitoriosa nos mais importantes países da Europa. Apenas depois desta vitória pode seriamente empreender a tarefa de construção”. Estas palavras expressam não uma falta de confiança na Revolução russa, mas uma confiança na proximidade da revolução mundial. Mas também agora, após o sucesso econômico colossal da União, continua verdade que o “autêntico despertar de uma economia socialista”, é possível apenas em uma base internacional.

Do mesmo ponto de vista, o partido encarava o problema da coletivização da indústria agrícola. O proletariado não pode criar uma nova sociedade sem conduzir o campesinato ao socialismo através de uma série de etapas transitórias, sendo o campesinato uma parte considerável – em vários países a predominante – da população, e uma conhecida maioria da Terra como um todo. A solução deste, o mais difícil de todos os problemas, depende em última análise das correlações quantitativas e qualitativas entre a indústria e a agricultura. O campesinato tomará de forma mais bem sucedida e voluntariamente o caminho da coletivização, quanto mais generosamente a cidade for capaz de fertilizar sua economia e sua cultura.

Contudo, existe indústria suficiente para a transformação do país? Este problema, Lenin transportou para além dos limites nacionais: “Se você tomar a questão em uma escala mundial”, disse no IX Congresso dos Sovietes, “tal indústria florescente em larga escala, que possa fornecer ao mundo todos os produtos necessários, existe sobre a Terra... Colocamos isto na base de nossos cálculos”. A correlação da indústria e da agricultura, incomparavelmente menos favorável na Rússia do que nos países do Ocidente, continua até hoje a base da crise econômica e política que ameaça em certos momentos a estabilidade do sistema soviético.

A política do chamado “comunismo de guerra” – como está claro acima – não se baseava na idéia de construir uma sociedade socialista dentro dos limites nacionais. Apenas os mencheviques, caçoando do poder soviético, atribuíam tais planos a eles. Para os bolcheviques, o destino posterior do regime espartano im-

posto pela ruína e guerra civil, estava em dependência direta do desenvolvimento da revolução no Ocidente. Em janeiro de 1919, no auge do comunismo de guerra, Lenin disse: “Defenderemos as bases de nossa política comunista na produção, e iremos levá-la com mão firme até a vitória completa e mundial do comunismo”. Junto com todo o partido, Lenin estava errado. Tornou-se necessário mudar a política na produção. No presente, podemos considerar estabelecido que, mesmo se a revolução socialista na Europa ocorresse nos dois ou três primeiros anos depois de outubro, uma retirada na linha da Nova Política Econômica (NEP) teria sido inevitável do mesmo jeito. Mas numa apreciação retrospectiva da primeira etapa da ditadura tornou-se especialmente claro em que grau os métodos do comunismo de guerra e suas ilusões estavam estreitamente entrelaçados com a perspectiva da revolução permanente.

A profunda crise interna ao fim de três anos de guerra civil envolvia a ameaça direta de uma ruptura entre o proletariado e o campesinato, entre o partido e o proletariado. Uma reconsideração radical dos métodos do poder soviético tornou-se necessária. “Temos que satisfazer economicamente o camponês médio, e adotar a liberdade de comércio”, Lenin explicou. “De outro modo será impossível preservar o poder do proletariado na Rússia em vista do atraso da revolução internacional”. Contudo, a transição para a NEP não foi acompanhada por uma ruptura em princípio da ligação entre os problemas domésticos e internacionais?

Lenin deu uma estimativa geral da nova etapa então aberta em suas teses para o III Congresso da Internacional Comunista: “Do ponto de vista da revolução proletária mundial como um único processo, o significado da época que a Rússia está passando está em seu teste experimental prático da política em relação à massa pequeno-burguesa de um proletariado mantendo o poder do Estado”. Sua própria definição da estrutura da NEP claramente remove a questão do socialismo num só país.

Não menos instintivas são aquelas linhas que Lenin escreveu para seu próprio uso nos dias em que os novos métodos da indústria eram considerados e elaborados: “dez a vinte anos de relações corretas com o campesinato e a vitória em escala mundial estão garantidas (mesmo com o atraso das revoluções proletárias, que estão crescendo)”. A meta é clara: acomodar-nos ao novo e mais prolongado período que pode ser necessário para o amadurecimento da revolução no Ocidente. Neste sentido e apenas nisto, Lenin expressou sua confiança de que: “Da Rússia da NEP surgirá uma Rússia socialista”.

Não é suficiente dizer que a idéia da revolução internacional não foi aqui revisada; em certo grau, ela recebeu uma expressão mais profunda e distinta: “Nos países de capitalismo desenvolvido”, disse Lenin no X Congresso do Partido, ex-

plicando a posição histórica da NEP, “há uma classe de trabalhadores assalariados agrícolas que se formou no curso de algumas décadas... Onde esta classe está suficientemente desenvolvida, a transição do capitalismo para o socialismo é possível. Nós temos enfatizado – numa série de escritos, em todos os nossos discursos, em toda a nossa imprensa – o fato de que na Rússia a situação não é esta – que na Rússia temos uma minoria de trabalhadores na indústria e uma enorme maioria de pequenos donos de terras. Em tal país, a revolução social pode conseguir seu sucesso final apenas sob duas condições: primeiro, com a condição de um apoio oportuno por uma revolução social em um ou vários países avançados... A outra condição é um acordo entre... o proletariado que mantém o poder estatal e a maioria da população camponesa... Apenas um acordo com os camponeses pode salvar a revolução socialista na Rússia até começar a revolução em outros países”. Todos os elementos do problema estão aqui unidos em um só. Uma união com o campesinato é necessária para a própria existência do poder soviético; mas isto não substitui a revolução internacional, a única coisa que pode criar a base econômica de uma sociedade socialista.

No mesmo décimo congresso, um relatório especial foi feito sobre *A República soviética num ambiente capitalista*, motivado sobre o atraso da revolução no Ocidente. Kamenev apresentou-se como porta-voz para o Comitê Executivo Central. “Nunca colocamos para nós a tarefa”, ele disse, como de algo inquestionável para todos, “criar uma estrutura comunista num único país isolado. Contudo, encontramos-nos numa posição em que é preciso manter a base da estrutura comunista, a base do Estado socialista, a república soviética proletária cercada por todos os lados por relações capitalistas. Podemos cumprir esta tarefa? Penso que esta questão é escolástica. A esta questão em tal situação não é possível nenhuma resposta. A questão se situa assim: “Como podemos, nas relações dadas, manter o poder soviético, e mantê-lo até a hora em que o proletariado deste ou daquele país deva vir em nossa ajuda?”. Se a idéia do orador, que sem dúvida por mais de uma vez se afastou de seu esboço feito com Lenin, estava em contradição com a tradição do bolchevismo, por que o congresso não protestou? Como pode não haver nenhum delegado para pontuar que sobre a própria questão básica da revolução Kamenev desenvolvia opiniões que “não tinham nada em comum” com o bolchevismo? Como é que ninguém em todo o partido notou esta heresia?

“Segundo Lenin”, afirma Stalin, “a revolução encontra sua força antes de tudo entre os operários e camponeses da própria Rússia. Trotsky declarou que as forças necessárias podiam ser encontradas apenas na arena da revolução mundial do proletariado”. A este contraste manufaturado, como muitos outros, Lenin tinha sua resposta de antemão: “Nem por um minuto esquecemos, nem esqueceremos”,

ele disse em 14 de maio de 1918, numa sessão do Comitê Executivo Central, “a fraqueza da classe operária russa em comparação com outros destacamentos do proletariado internacional... mas devemos continuar em nossos postos até a chegada de nossos aliados, o proletariado internacional”. No terceiro aniversário da Revolução de Outubro, Lenin confirmou isto: “Sempre fizemos nossas apostas numa revolução internacional e isto era incondicionalmente certo... Sempre enfatizamos o fato de que em um só país é impossível realizar um trabalho tal como uma revolução socialista”. Em fevereiro de 1921, Lenin declarou num congresso de operários da indústria de agulhas: “Sempre e repetidamente pontuamos aos operários que a principal tarefa subjacente e a condição básica de nossa vitória é a propagação da revolução em pelo menos vários dos países mais avançados”. Não. Lenin estava comprometido demais por seu desejo obstinado de encontrar forças na arena mundial: não podem apagar isto!

Assim como Trotsky é posto em oposição a Lenin, o próprio Lenin é colocado em oposição a Marx – e com a mesma base. Se Marx supôs que a revolução proletária começaria na França mas seria completada apenas na Inglaterra, isto é explicado, segundo Stalin, pelo fato de que Marx ainda não conhecia a lei do desenvolvimento desigual. Na verdade, o prognóstico marxista contrastando o país da iniciativa revolucionária com o país da realização socialista foi baseado totalmente sobre a lei do desenvolvimento desigual. De qualquer modo, o próprio Lenin, que não permitia reticências sobre grandes problemas, nunca e em lugar algum recordou seu desacordo com Marx e Engels sobre o caráter internacional da revolução. Pelo contrário! Se “as coisas aconteceram do contrário do que Marx e Engels esperavam”, Lenin disse no III Congresso dos Sovietes, foi apenas em relação à seqüência histórica dos países. O curso dos eventos permitiu ao proletariado russo “o honroso papel de vanguarda da revolução internacional, e nós vemos agora claramente como o desenvolvimento da revolução irá processá-lo no futuro; os russos começaram – os alemães, os franceses e os ingleses irão consolidá-la, e o socialismo triunfará”.

Somos depois repreendidos por um argumento do ponto de vista do prestígio estatal. Uma negação da teoria do socialismo nacional – segundo Stalin – “leva à desentronização de nosso país”. Apenas esta fraseologia, intolerável ao ouvido marxista, dá-nos a profundidade da ruptura com a tradição bolchevique. Não era a “desentronização” que Lenin temia, mas a beatice nacional: “Somos um dos destacamentos revolucionários da classe operária”, ele explicou em abril de 1918, em uma sessão do Soviete de Moscou, “chegados antes ao *front* não porque somos melhores que outros, mas precisamente porque somos um dos mais atrasados países do mundo... Chegaremos a uma completa vitória apenas junto com

todos os trabalhadores dos outros países, os trabalhadores de todo o mundo”.

O apelo à sóbria auto-avaliação tornou-se o *leit motiv* nos discursos de Lenin: “A Revolução russa”, ele disse em 4 de junho de 1918, “deveu-se não a méritos especiais do proletariado russo, mas ao curso... dos eventos históricos, e este proletariado foi posto temporariamente na primeira posição pela vontade da História e feito por um tempo a vanguarda da revolução mundial”. “O primeiro papel ocupado pelo proletariado da Rússia no movimento operário mundial”, disse Lenin numa conferência de Comitês de Fábrica em 23 de julho de 1918, “é explicado não pelo desenvolvimento industrial do país – é justo o contrário, pelo atraso da Rússia... O proletariado russo está claramente alerta de que a condição necessária e premissa fundamental de suas vitórias é a ação unida dos operários de todo o mundo, ou de vários países avançados nas relações capitalistas”. A Revolução de Outubro foi despertada não apenas pelo atraso da Rússia, e isto Lenin entendia bem. Mas ele conscientemente curvou o bastão um pouco demais para melhor endireitá-lo.

Num congresso dos Conselhos de Economia Popular – os órgãos especialmente chamados para construir o socialismo – disse Lenin em 26 de maio de 1918: “Não fechamos nossos olhos ao fato de que apenas nós, com nossas próprias forças, não poderemos conseguir a revolução socialista em um só país, mesmo que ele fosse bem menos atrasado do que a Rússia”. E aqui, antecipando a voz futura da beatice burocrática, ele explicou: “Isto não deve causar uma gota de pessimismo, porque a tarefa que fixamos para nós mesmos é uma tarefa de dificuldade histórica mundial”.

No VI Congresso dos Sovietes, em 8 de novembro, ele disse: “A completa vitória da revolução socialista é impensável em um só país, mas exige a cooperação mais ativa, pelo menos de vários países avançados, entre os quais a Rússia não pode ser incluída...” Lenin não apenas nega à Rússia o direito a um socialismo próprio, mas lhe dá demonstrativamente um lugar secundário na construção do socialismo por outros países. Que criminosa “desentronização” de nosso país!

Em março de 1919, num congresso do partido, Lenin arranca de modo muito vigoroso: “Temos uma experiência prática em tomar os primeiros passos na destruição do capitalismo em um país com uma relação especial entre proletariado e campesinato. Nada mais. Se nos incharmos como um sapo, e ofegarmos e bufarmos, será totalmente risível para todo o mundo. Seremos meros fanfarrões”. Alguém se ofendeu com isto? Em 19 de maio de 1921, Lenin exclamou: “Nenhum dos bolcheviques em qualquer época negou que a revolução pode vencer, numa forma final apenas quando abarcar, todos ou pelo menos vários dos mais avançados países!”. Em novembro de 1920, numa conferência provincial de Moscou do

partido, ele de novo lembra à sua audiência que os bolcheviques nunca prometeram ou sonharam “construir todo o mundo com as forças da Rússia apenas... A tal loucura nunca chegamos, mas sempre dissemos que nossa revolução vencerá quando os operários de todos os países apoiarem-na”.

“Nós não completamos”, ele escreve no início de 1922, “nem mesmo as bases de uma economia socialista. Este trabalho inicial ainda pode ser anulado pelas forças hostis do capitalismo agonizante. Devemos estar bem alertas sobre isto, e reconhecê-lo abertamente. Pois não há nada mais perigoso do que ilusões e mentes confusas, especialmente em lugares altos. E não há absolutamente nada ‘terrível’ nem nada que ofereça uma causa legítima para o menor desencorajamento, ao reconhecer esta verdade amarga; pois sempre ensinamos e repetimos este verdadeiro á-bê-cê do marxismo, de que para a vitória do socialismo os esforços combinados dos operários de vários países avançados são necessários”.

Pouco mais de dois anos depois, Stalin exigirá uma renúncia do marxismo sobre esta questão básica. E com qual base? Com base de que Marx continuou ignorante da desigualdade da evolução – isto é, ignorante da lei mais elementar da dialética da natureza, assim como da sociedade. Mas o que dizer do próprio Lenin, que segundo Stalin foi o primeiro que “descobriu” esta lei da desigualdade como resultado da experiência do imperialismo, e que não obstante se apegava obstinadamente ao “verdadeiro á-bê-cê do marxismo?” Procuraremos em vão por qualquer explicação disto.

O “trotskismo” – segundo a acusação e sentença da Internacional Comunista – “deriva e continua a derivar da proposição de que nossa revolução em si e por si (!) não é socialista na essência, que a Revolução de Outubro não é o sinal, o ímpeto e o ponto de partida para a revolução socialista no Ocidente”. A degeneração nacionalista aqui se mascara com o puro escolaticismo. A Revolução de Outubro “em si e por si” não existe. Teria sido impossível sem toda a história precedente da Europa, e seria sem esperança sem sua continuação na Europa e no mundo todo. “A Revolução russa é apenas um elo na cadeia na revolução internacional” (Lenin). Sua força está exatamente onde os epígonos vêem sua “desentronização”. Exatamente porque, e apenas porque, não é apenas um todo auto-suficiente mas um “sinal”, um “ímpeto”, um “ponto de partida”, um “elo” – exatamente por esta razão ela adquire um caráter socialista.

“É claro que a vitória final do socialismo em um país é impossível”, disse Lenin no III Congresso dos Sovietes, em janeiro de 1918, “mas alguma coisa é possível: um exemplo vivo, um lançar-se ao trabalho – em algum lugar em um país – isto é o que irá inflamar as massas trabalhadoras de todos os países”. Em julho, numa sessão do Comitê Executivo Central: “Nossa tarefa agora é... manter

firme... esta tocha do socialismo para que possa continuar a espalhar tantas centelhas quanto possível para aumentar a conflagração da revolução social”. Um mês depois, em um comício operário: “A revolução (européia) está crescendo e devemos manter o poder soviético até que ela se precipite. Nossos erros devem servir como uma lição ao proletariado ocidental”. Poucos dias depois, num congresso dos trabalhadores da educação: “A Revolução russa é apenas um exemplo, apenas um primeiro passo numa série de revoluções”. Em março de 1919, num congresso do partido; “A Revolução russa foi, na essência, um ensaio geral... da revolução proletária mundial”. Não uma revolução “em si e por si”, mas uma tocha, uma lição, um exemplo apenas, apenas um primeiro passo, apenas um elo! Não foi um desempenho independente, mas apenas um ensaio geral! Que obstinada e implacável “desentronização”!

Mas Lenin não parou aqui: “Se acontecer”, ele disse em 8 de novembro de 1918, “que sejamos subitamente arrasados... teríamos o direito de dizer, sem esconder nossos erros, que usamos o período de tempo que o destino nos deu totalmente para a revolução socialista mundial”. Como isto está longe, no método de pensamento e na psicologia política, da autocomplacência beata dos epígonos, que se imaginam um eterno umbigo da Terra.

Uma mentira sobre uma questão fundamental, se o interesse político o obriga a aderir a ele, leva a inúmeros erros resultantes e gradualmente revisa todo o seu pensamento. “Nosso partido não tem o direito de enganar a classe operária”, disse Stalin numa sessão plenária do Comitê Executivo da Internacional Comunista em 1926. “Deve-se dizer francamente que a falta de confiança na possibilidade de construir o socialismo em nosso país levará à renúncia do poder, e a passagem do nosso partido da posição de um partido dominante para um da oposição”. A Internacional Comunista canonizou esta visão em sua resolução: “A negação desta possibilidade (de uma sociedade socialista em um país isolado) por parte da oposição, nada mais é senão a negação das premissas para uma revolução socialista na Rússia”. As “premissas” não são a condição geral da economia mundial, nem as contradições internas do imperialismo, nem a correlação de classes na Rússia, mas uma garantia dada de antemão da possibilidade de realizar o socialismo num só país!

A este argumento teleológico defendido pelos epígonos no outono de 1926 devemos replicar com as mesmas considerações com que respondemos os mencheviques na primavera de 1905. “Uma vez que o desenvolvimento objetivo da luta de classes desafia o proletariado, num certo momento da revolução com a alternativa: ou tomar para si os direitos e obrigações do poder estatal, ou entregar suas posições de classe – a socialdemocracia irá colocar a conquista do poder es-

tatal na ordem do dia. Ao fazer isto, ela não ignora em nada o processo de desenvolvimento de um tipo profundo, processos de crescimento e concentração da produção. Mas ela diz: quando a lógica da luta de classes, apoiando-se em última análise no curso do desenvolvimento econômico, obriga o proletariado na direção da ditadura antes da burguesia ter preenchido sua missão econômica... isto significa apenas que a História confiou ao proletariado uma tarefa colossal em sua dificuldade. Talvez o proletariado até mesmo fique esgotado na luta e caia sob seu peso – talvez. Mas ele não pode recusar estas tarefas pelo medo da degeneração de classes, sob o risco de mergulhar todo o país no barbarismo”. A isto nada podemos acrescentar na época presente.

“Seria um erro irreparável”, escreveu Lenin em maio de 1918, “declarar que uma vez reconhecida a falta de correspondência entre nossas forças econômicas e políticas, ‘segue-se’ então que não devemos tomar o poder... Apenas pessoas fechadas numa torre de marfim raciocinam assim, esquecendo que nunca haverá uma ‘correspondência’, que não pode haver, seja na evolução da natureza ou na evolução da sociedade, que apenas por meio de uma série de tentativas – cada uma das quais, sendo tomadas em separado, serão postas lado a lado e sofrerão uma certa falta de correspondência – poderá o socialismo completo ser criado com a cooperação revolucionária dos proletários de todos os países”. As dificuldades da revolução internacional serão superadas não por uma adaptação passiva, não por uma renúncia ao poder, não por uma expectativa nacional e espera pela insurreição universal, mas pela ação viva, pela superação das contradições, pela dinâmica da luta e a extensão de sua esfera de ação.

Se tomarmos seriamente a filosofia histórica dos epígonos, os bolcheviques deveriam saber de antemão, às vésperas de outubro, que eles resistiriam a uma legião de inimigos, e que passariam do comunismo de guerra para a NEP; também que em caso de necessidade eles construiriam seu próprio socialismo nacional. Numa palavra, antes de tomar o poder, eles deveriam ter feito seus cálculos acuradamente e assegurarem-se de um saldo de crédito. O que aconteceu na verdade foi pouco similar a esta caricatura piedosa.

Num relatório apresentado ao congresso do partido em março de 1919, Lenin disse: “Freqüentemente temos que procurar apalpando nosso caminho; este fato torna-se mais óbvio quanto tentamos analisar o que temos feito. Mas isto não nos abateu, mesmo em 10 de outubro de 1917, quando decidimos a questão sobre a tomada do poder. Não temos dúvida que estava acima de nós, segundo a expressão do camarada Trotsky, realizar tal prova. Empreendemos uma obra que ninguém no mundo antes tinha empreendido em tal escala”. E adiante: “Quem poderia conduzir uma revolução gigantesca, sabendo de antemão como realizá-la

até o fim? Onde se poderia obter tal conhecimento? Ele não pode ser encontrado nos livros. Não existem tais livros. Nossa decisão apenas poderia nascer da experiência das massas”.

Os bolcheviques não procuravam nenhuma garantia de que a Rússia seria capaz de criar uma sociedade socialista. Não tinham necessidade disto. Não tinham uso para isto. Ela garantia tudo o que aprenderam na escola do marxismo. “As táticas dos bolcheviques”, escreveu Lenin contra Kautsky, “eram as únicas táticas internacionais, pois não se baseavam nem no medo covarde da revolução mundial, nem uma falta de confiança filistéia nela...” Os bolcheviques “contribuíram o máximo possível em um país ao desenvolvimento, apoio, estímulo, da revolução em todos os países”. Com tal tática era impossível marcar de antemão uma linha de marcha infalível, e ainda menos possível garantir uma vitória nacional. Mas os bolcheviques sabiam que o perigo era um elemento da revolução, como da guerra. Eles saíram ao encontro do perigo com olhos abertos.

Exibindo para o proletariado mundial, como um exemplo e uma reprovação, a maneira que a burguesia ousadamente se arrisca à guerra em nome de seus interesses, Lenin estigmatizava com ódio os socialistas que “temem iniciar a luta até que estejam ‘garantidos’ de uma vitória fácil... lambe-botas do socialismo internacional, lacaios da moralidade burguesa que pensam deste modo merecem um triplo desprezo”. Lenin, como bem se sabe, não parava para escolher suas palavras quando ele sufocava de indignação.

“Mas o que faremos”, Stalin mantém a indagação, “se a revolução internacional está destinada a um atraso? Há alguma luz orientadora para nossa revolução? Trotsky não dá qualquer luz”. Os epígonos exigem privilégios históricos para o proletariado russo: ele deveria ter trânsito livre e um movimento ininterrupto rumo ao socialismo, independentemente do que aconteça com o resto da Humanidade. A História não preparou tal trânsito livre. “Se olharmos as coisas de uma escala histórica mundial”, disse Lenin no VII Congresso do Partido, “não há a menor dúvida de que a vitória suprema de nossa revolução, se continuar solitária, não terá esperanças”.

Mas mesmo neste caso ela não teria sido infrutífera: “Mesmo se os imperialistas derrubarem o poder bolchevique amanhã”, disse Lenin em maio de 1919, num congresso de professores, “não devemos lamentar por um segundo termos tomado o poder. E nenhum dos operários conscientes... lastimará isto, ou duvidaria que nossa revolução, não obstante, venceu”. Pois Lenin pensava na vitória apenas em termos de uma sucessão internacional do desenvolvimento da luta. “A nova sociedade... é uma abstração que não pode tomar vida de outro modo que não numa série de tentativas concretas e incompletas para criar este ou aquele

Estado socialista”. Esta aguda distinção, em algum sentido um contraste, entre “Estado socialista” e “nova sociedade” oferece uma chave para os inúmeros abusos perpetrados pela literatura epígona sobre os textos de Lenin.

Lenin explicou com extrema simplicidade o significado da estratégia bolchevique no fim do quinto ano após a conquista do poder. “Quando começamos naquela época nossa revolução internacional, fizemos isto não com a convicção que poderíamos antecipar seu desenvolvimento, mas porque toda uma série de circunstância nos obrigou a iniciar esta revolução. Nossa idéia era: ou a revolução internacional virá em nossa ajuda, e neste caso nossa vitória está totalmente assegurada, ou então faríamos nossa modesta tarefa revolucionária na consciência de que, em caso de derrota, não obstante, servimos à causa da revolução, e nosso experimento irá ajudar outras revoluções. Estava claro para nós que sem o apoio da revolução internacional uma vitória do levante proletário seria impossível. Mesmo antes da revolução, assim como depois dela, nossa idéia era: imediatamente, ou de qualquer modo muito rapidamente, uma revolução irá começar em outros países, nos países capitalisticamente mais desenvolvidos – ou no caso contrário, teremos que perecer. Apesar desta consciência, fizemos tudo para preservar o sistema soviético em todas as circunstâncias e a qualquer custo, já que sabíamos que estávamos trabalhando não apenas para nós mesmos, mas para a revolução internacional. Sabíamos disto, expressamos freqüentemente esta convicção antes da Revolução de Outubro, exatamente como fizemos imediatamente depois e durante a conclusão da Paz de Brest-Litovsk. E, geralmente falando, isto estava certo”. As datas foram mudadas, o padrão dos eventos se formou em muitas aspectos de modo inesperado, mas a orientação fundamental continuou intacta.

O que pode ser acrescentado a estas palavras? “Começamos... a revolução internacional”. Se uma revolução no Ocidente não começar imediatamente, ou de qualquer modo muito rapidamente” – supunham os bolcheviques – “iremos perecer”. Mas, neste caso também, a conquista do poder terá sido justificada: outros irão aprender da experiência daqueles que pereceram. “Estamos trabalhando não apenas para nós mesmos mas para a revolução internacional”. Estas idéias, totalmente saturadas com o internacionalismo, Lenin expôs à Internacional Comunista. Alguém se opôs a ele? Ninguém ofereceu uma alusão à possibilidade de uma sociedade socialista nacional? Ninguém. Nem uma só palavra!

Cinco anos depois, no VII *Plenum* do Comitê Executivo da Internacional Comunista, Stalin desenvolveu idéias exatamente opostas a estas. Elas já são conhecidas de nós. Se não há “confiança na possibilidade da construção do socialismo em nosso país”, então o partido precisa passar “da posição de partido dirigen-

te para o de oposição...” Precisamos ter uma garantia preliminar do sucesso antes de tomar o poder e é permitido procurar esta garantia apenas em condições nacionais; precisamos ter confiança na possibilidade de construir o socialismo na Rússia camponesa; então podemos passar muito bem sem a confiança na vitória do proletariado mundial. Cada um destes elos numa cadeia de raciocínios dá uma tapa na cara da tradição do bolchevismo.

Para cobrir sua ruptura com o passado, a escola de Stalin tentou fazer uso de certas linhas de Lenin, que parecem as menos adequadas. Um artigo de 1915, sobre *Os Estados Unidos da Europa*, observa incidentalmente que a classe operária de cada país separado deve procurar ganhar o poder e entrar na construção socialista sem esperar pelos outros. Se por trás destas linhas indiscutíveis esconde-se um pensamento sobre uma sociedade socialista, como Lenin poderia tão fundamentalmente o ter esquecido durante os anos seguintes, e tão obstinadamente tenha se contradito a cada passo? Mas não há razão para recorrer a deduções oblíquas quando temos declarações diretas. As teses programáticas redigidas por Lenin no mesmo ano, 1915, respondem à questão de modo preciso e direto: “A tarefa do proletariado da Rússia é realizar até o fim a revolução democrático-burguesa na Rússia, para acender a revolução socialista na Europa. Esta segunda tarefa está agora extremamente perto da primeira, mas continua não obstante uma tarefa secundária e especial, pois é uma questão de diferentes classes cooperando com o proletariado da Rússia. Para a primeira tarefa, o colaborador é o campesinato pequeno-burguês da Rússia, para a segunda, o proletariado de outros países”. Uma maior clareza não poderia ser exigida.

A segunda tentativa de citar Lenin não está melhor embasada. Seu artigo incompleto sobre cooperação diz que na República soviética temos à mão “tudo o que é necessário e suficiente” para sem novas revoluções realizar a transição para o socialismo. Aqui está uma questão, como está perfeitamente claro no texto, nas premissas políticas e legais do socialismo. O autor não se esquece de lembrar seus leitores que as premissas produtivas e culturais são inadequadas. Em geral, Lenin repetiu este pensamento muitas vezes. “Falta-nos... a civilização para fazer a transição diretamente ao socialismo”, ele escreveu em um artigo do mesmo período, do início de 1923, “embora não tenhamos premissas políticas para isto”. Neste caso, como em todos os outros, Lenin começou da afirmação que o proletariado do Ocidente caminharia para o socialismo junto com o proletariado russo e o encabeçando. O artigo sobre cooperação não contém nenhuma alusão para o fato de que a República soviética poderia harmoniosamente, e por medidas reformistas, criar seu próprio socialismo nacional, ao invés de tomar seu lugar através de um processo de desenvolvimento antagônico e revolucionário na sociedade socia-

lista mundial. Ambas as citações, introduzidas até no texto do programa da Internacional Comunista, foram há muito explicadas em nossa *Crítica do programa*, e nossos adversários nem uma vez tentaram defender suas distorções e erros. A tentativa seria muito infrutífera.

Em março de 1923 – no último período mesmo de seu trabalho criativo – Lenin escreveu: “Estamos... no presente momento ante a questão: teremos sucesso em nos manter com nossa produção camponesa realmente muito pequena, com nossas condições ruins, até os países capitalistas da Europa ocidental completarem seu desenvolvimento ao socialismo?”. Vemos de novo que as datas mudaram, a rede dos eventos mudou, mas a base internacional da política continua inabalável. Esta fé na revolução internacional – segundo Stalin, uma “desconfiança das forças internas da Revolução russa” – seguiu com o grande internacionalista para a sua cova. Apenas depois de sujeitarem Lenin a um mausoléu, os epígonos foram capazes de nacionalizar seus pontos de vista.

Da divisão mundial do trabalho, da desigualdade do desenvolvimento de diferentes países, de sua dependência econômica mútua, da desigualdade dos diferentes aspectos da cultura nos diferentes países, da dinâmica das forças produtivas contemporâneas, segue-se que a estrutura socialista pode ser construída apenas por um sistema de espiral econômica, apenas tomando as discórdias internas de um país isolado de todo um grupo de países, apenas pelo mútuo serviço entre diferentes países, e a complementação mútua dos diferentes ramos de sua indústria e cultura – isto é, em última análise, apenas na arena mundial.

O velho programa do partido, adotado em 1903, começa com as palavras: “O desenvolvimento da troca estabeleceu tais laços estreitos entre os povos do mundo civilizado que o grande movimento de libertação do proletariado deve se tornar, e há muito já se tornou, internacional. A preparação do proletariado para a iminente revolução social é definida como a tarefa da “democracia social internacional”. Contudo, “no caminho de sua meta comum final... os socialdemocratas de vários países são obrigados a se imporem tarefas imediatas heterogêneas”. Na Rússia, a derrubada do tsarismo é a tarefa que a revolução democrática considerou de antemão como um passo nacional para uma revolução socialista internacional.

A mesma concepção está na base de nosso programa adotado pelo partido após a conquista do poder. Numa discussão preliminar da redação deste programa no sétimo congresso, Miliutin propôs uma correção editorial na resolução de Lenin: “Proponho”, ele disse, “a inserção das palavras ‘revolução socialista internacional’ onde se diz ‘a era da revolução social agora iniciada’... penso que é desnecessário argumentar isto... Nossa revolução social pode vencer apenas como uma revolução internacional. Não pode vencer na Rússia apenas, deixando a estrutura

burguesa nos países vizinhos... proponho que seja inserida para evitar desentendimentos”. O presidente Sverdlov: “O camarada Lenin aceita esta emenda, uma votação portanto é desnecessária”. Um pequeno episódio de técnica parlamentar (“desnecessário argumentar” e “uma votação é desnecessária”) refuta a falsa historiografia dos epígonos mais convincentemente talvez do que a mais cuidadosa investigação! O fato de que o próprio Miliutin, como Skvortsov-Stepanov, que citamos anteriormente, e como centenas e milhares de outros, logo condenariam suas próprias opiniões sob o nome de “trotskismo”, não mudam os fatos. As grandes correntes históricas são mais fortes que as espinhas humanas. As marés enchentes levantam e as marés baixas arrastam gerações políticas inteiras. As idéias, de outro lado, são capazes de viver mesmos após a morte física e espiritual daquelas que as defenderam. Um ano depois, no VIII Congresso do Partido que ratificou o novo programa, a mesma questão foi de novo iluminada numa áspera troca de réplicas entre Lenin e Podbelsky. O delegado de Moscou protestou contra o fato de que, apesar do levante de outubro, o programa ainda falava da revolução social no tempo futuro: “Podbelsky”, diz Lenin, “critica o fato que em um dos parágrafos o programa fala da iminente revolução social... Seu argumento é obviamente inconseqüente, pois em nosso programa estamos falando sobre a revolução social numa escala mundial”. Realmente, a história do partido não deixa aos epígonos um único canto escuro para se esconderem.

No programa da Juventude Comunista, adotado em 1921, a mesma questão é apresentada numa forma especialmente popular e simples. “A Rússia”, diz um parágrafo, “embora possuindo enormes recursos naturais, é, na questão da indústria, um país atrasado na qual uma população pequeno-burguesa predomina. Ela poderá chegar ao socialismo apenas através da revolução socialista mundial, a época para o desenvolvimento do qual nós agora entramos”. Ratificado neste dia pelo Politburo, com a participação não apenas de Lenin e Trotsky, mas também de Stalin, este programa ganhou plena força no outono de 1926, quando o Comitê Executivo da Internacional Comunista converteu a não aceitação do socialismo num só país em um pecado mortal.

Nos dois anos seguintes, contudo, os epígonos foram obrigados a arquivar os documentos do programa da época de Lenin. Seus novos documentos, remendados de fragmentos, eles chamaram programa da Internacional Comunista. Enquanto com Lenin no programa “russo” se falava da revolução internacional, com os epígonos, no programa internacional, falava-se do socialismo “russo”.

Quando exatamente a ruptura se revelou abertamente pela primeira vez? A data histórica é fácil de indicar, já que coincide com um ponto de inflexão na biografia de Stalin. No final de abril de 1924, três meses após a morte de Lenin, Stalin

expunha modestamente as opiniões tradicionais do partido: “Derrubar o poder da burguesia e estabelecer o poder do proletariado em um só país”, ele escreveu em seu *Problemas do Leninismo*, “não significa garantir a vitória completa do socialismo. A principal tarefa do socialismo – a organização da produção socialista – ainda está à frente. Esta tarefa pode ser realizada? É possível ligar a vitória final do socialismo em um país, sem os esforços combinados dos proletários de vários países avançados? Não, não é. Os esforços de um país são suficientes para a derrubada da burguesia – isto é o que a história de nossa revolução nos conta. Para a vitória final do socialismo, para a organização da produção socialista, os esforços de um país, especialmente um país camponês como a Rússia, não são suficientes – para isto temos os esforços dos proletários de vários países avançados”. Stalin conclui sua exposição destas idéias com as palavras: “Tal são em geral os traços característicos da teoria leninista da revolução proletária”.

No outono do mesmo ano, sob a influência da luta com o trotskismo, subitamente se descobriu que a Rússia é o próprio país, em distinção de outros, que será capaz de construir a sociedade socialista com suas próprias forças, se ela não fosse atrapalhada pela intervenção. Em uma nova edição do mesmo trabalho, Stalin escreveu: “Tendo consolidado seu poder, e tomando a liderança do campesinato, o proletariado do país vitorioso pode e deve construir uma sociedade socialista”. Pode e deve! Apenas para “garantir totalmente o país contra a intervenção... a vitória da revolução é necessária... pelo menos em vários países”. A proclamação desta nova concepção, que confere ao proletariado mundial o papel de guarda de fronteira, termina com estas mesmas palavras: “Tais, em geral, são os traços característicos da teoria leninista da revolução proletária”. No curso de um ano, Stalin imputou a Lenin duas opiniões diretamente opostas sobre um problema fundamental do socialismo.

Numa sessão plenária do Comitê Central, em 1927, Trotsky disse sobre estas duas opiniões contraditórias de Stalin: “Pode-se dizer que Stalin cometeu um erro e depois o corrigiu. Mas como ele poderia cometer tal erro sobre tal questão? Se fosse verdade que Lenin já em 1915 publicou a teoria da construção do socialismo num só país (o que é totalmente falso), se fosse verdade que subseqüentemente Lenin apenas reforçou e desenvolveu este ponto de vista (o que é totalmente falso) – então como, podemos perguntar, Stalin poderia inventar para si mesmo durante a vida de Lenin, durante o último período de sua vida, esta opinião sobre a mais importante questão, que encontra sua expressão na citação stalinista de 1924? Parece que sobre esta questão fundamental Stalin sempre foi um trotskista, e apenas depois de 1924 deixou de sê-lo. Seria bom se Stalin pudesse achar em pelo menos uma citação de seus próprios escritos mostrando que antes

de 1924 ele disse algo sobre a construção do socialismo em um só país. Ele não a encontraria!”. Este desafio continuou sem resposta.

Não devemos, contudo, exagerar a profundidade real do desafio feito por Stalin. Como na questão da guerra, de nossa relação com o Governo Provisório, ou da questão nacional, sobre as perspectivas gerais da revolução, Stalin tinha duas posições: uma independente, orgânica, nem sempre expressa, ou pelo menos nunca totalmente expressa, e a outra condicional, fraseológica, emprestada de Lenin. Entre duas pessoas pertencentes a um único e mesmo partido, seria impossível imaginar um abismo mais profundo do que o que separava Stalin de Lenin, tanto sobre as questões fundamentais da concepção revolucionária como da psicologia política. O caráter oportunista de Stalin é disfarçado agora pelo fato de que seu poder se apóia em uma revolução proletária vitoriosa. Mas vimos a posição independente de Stalin, em março de 1917. Tendo atrás de si uma revolução burguesa já realizada, ele fixou ao partido a tarefa de “frear a ruptura” da burguesia – isto é, de resistência já em curso da revolução proletária. Se esta revolução foi realizada, não foi por sua culpa. Mas junto com toda a burocracia, Stalin tomou sua posição com base em um fato consumado. Uma vez que havia uma ditadura do proletariado, deveria haver socialismo também. Invertendo o argumento dos mencheviques contra a revolução proletária na Rússia, Stalin, com sua teoria do socialismo num só país, começou a se barricar contra a revolução internacional. E desde que ele nunca pensou qualquer questão de princípios até o fim, não poderia parecer para ele que, “na essência”, ele sempre pensou como pensava no outono de 1924. E já que, além disso, ele nunca entrou em contradição com a opinião prevalente do partido, não poderia parecer para ele que o partido também, “na essência”, pensasse como ele.

A substituição inicial era inconsciente. Não era uma questão de falsificação, mas de infiltração ideológica. Mas na medida em que a doutrina do socialismo nacional foi exposta a uma crítica bem armada, havia necessidade de uma interferência organizada, cirúrgica na essência, por parte da máquina. A teoria do socialismo nacional foi então decretada. Ela foi provada pelo método dos contrários – pela prisão dos que não concordavam com ela. E, ao mesmo tempo, estava aberta a era da reparação sistemática do passado do partido. A história do partido transformou-se num palimpsesto. Esta destruição dos pergaminhos ainda continua, e além disso com uma fúria sempre crescente.

O fator decisivo, contudo, não são as repressões ou falsificações. O triunfo das novas opiniões correspondentes à situação e aos interesses da burocracia apoiava-se em circunstâncias objetivas – temporárias mas extremamente poderosas. A possibilidade foi aberta para a República soviética de desempenhar, tanto

na política exterior quando na doméstica, um papel muito mais significativo do que qualquer um antes da revolução poderia ter estimado. O Estado operário isolado não só se manteve entre uma legião de inimigos, mas se elevou economicamente. Este importante fato formou a opinião social da geração mais jovem, que ainda não aprendeu a pensar historicamente – isto é, a comparar e prever.

A burguesia europeia saiu muito ferida da última guerra para levemente travar outra. O medo de conseqüências revolucionárias paralisou em muito os planos de intervenção militar. Mas o fator do medo é instável. A ameaça de uma revolução nunca substituiu a revolução em si. Um perigo que permanece muito tempo irrealizado perde seu efeito. Ao mesmo tempo, o antagonismo irreconciliável entre o Estado operário e o mundo do imperialismo sobe à superfície. Os eventos recentes têm sido tão eloqüentes que a esperança de uma “neutralização” da burguesia mundial para a conclusão da estrutura socialista foi abandonada pela atual facção governante; em um certo grau, ela foi convertida em seu oposto.

Os sucessos industriais obtidos durante estes anos pacíficos são uma demonstração imperecível das incomparáveis vantagens de uma economia planificada. Este fato de modo algum contradiz o caráter internacional da revolução: o socialismo não poder ser realizado na arena mundial, não estando seus elementos e pontos de apoio preparados em países isolados. Não é acidente que os inimigos da teoria do socialismo nacional sejam os próprios protagonistas da industrialização, do princípio da planificação, do Plano Quinquenal e da coletivização. Rakovsky, e com ele milhares de outros bolcheviques estão pagando por sua luta por uma audaz iniciativa industrial com anos de exílio e prisão. Mas eles também foram, de outro lado, os primeiros a se levantar contra a superestimação dos resultados obtidos, contra a complacência nacional. De outro lado, os “práticos”, desconfiados e de visão curta, que antes pensavam que o proletariado da Rússia atrasada não poderia conquistar o poder, e depois da conquista do poder negavam a possibilidade de uma ampla industrialização e coletivização, tomaram, subsequentemente, a posição oposta. O sucesso obtido contra suas próprias expectativas eles simplesmente os multiplicaram em toda uma série de planos quinquenais, substituindo a tabela de multiplicação por uma perspectiva histórica. Esta é a teoria do socialismo num só país.

Na verdade, o crescimento da atual economia soviética continua um processo antagonico. Ao fortalecer o Estado operário, os sucessos econômicos de modo algum estão levando automaticamente à criação de uma sociedade harmoniosa. Pelo contrário, estão preparando uma agudização das contradições de uma estrutura socialista isolada sobre um nível mais elevado. A Rússia rural precisa, como antes, de um plano industrial mútuo com a Europa urbana. A divisão mun-

dial do trabalho resiste à ditadura do proletariado em um país isolado, e imperativamente dita seu caminho posterior. A Revolução de Outubro não excluiu a Rússia do desenvolvimento do resto da Humanidade mas, ao contrário, os uniu mais estreitamente. A Rússia não é um gueto de barbarismo, nem ainda uma Arcádia do socialismo. É o país mais transicional em nossa época transicional. “A Revolução russa é apenas um elo na cadeia da revolução internacional”. A atual condição da economia mundial torna possível dizer sem hesitação: o capitalismo se aproximou muito mais da revolução proletária do que a União Soviética do socialismo. O destino do primeiro Estado operário está ligado inseparavelmente com o destino do movimento de libertação no Ocidente e Oriente. Mas este tema amplo exige uma investigação independente. Esperamos retornar a ele.